

A atuação do Comitê de Formação e Atualização Profissional da AIIC no novo panorama de ensino e pesquisa no Brasil

Branca Vianna
AIIC Training and Professional Development Committee
PUC-Rio

Introdução

O ofício de intérprete, no Brasil e no mundo foi, durante muitos séculos, exatamente isso, um ofício, mais um aprendizado transmitido de veterano para novato, em regime de mestre-aprendiz, do que uma profissão. Dick Fleming (2014), referindo-se aos primeiros esforços de formação de intérpretes, diz que seria mais adequado chamar este processo de tutoria do que propriamente de formação.

Aos poucos, e principalmente como resultado da chegada da interpretação simultânea, começaram a ser criadas as primeiras escolas formais de interpretação. Na Europa e nos Estados Unidos, as pioneiras datam dos anos quarenta; no Brasil, dos anos setenta (Pagura, 2010).

Num artigo em que faz um panorama da história da interpretação desde 1919, Baigorri (1999) cita um texto emblemático em que os inventores do primeiro sistema de simultânea, o Filene-Finlay, reconhecem a necessidade de treinamento para intérpretes simultâneos, mas não para intérpretes consecutivos. Segundo eles, a simultânea é uma “nova arte”. O sistema estreou na Conferência Internacional do Trabalho em 1928 e depois seria usado em Nuremberg.

*“Montamos um laboratório no escritório da Organização Internacional do Trabalho para treinar uma equipe de intérpretes na nova arte, uma vez que interpretar simultaneamente um discurso é muito diferente da prática normal e exige habilidades especiais...”*¹ (Baigorri, 1999, p 32)

Este curso, aliás, é o primeiro de que se tem notícia na história da profissão e foi muito bem organizado pelos inventores do sistema. Todos os elementos usados até hoje em aulas de interpretação já estavam presentes: os intérpretes eram posicionados de maneira a ver e ouvir o orador, os discursos começavam lentos e fáceis e iam gradualmente tornando-se mais difíceis até que, no final, eram usados discursos e temas reais da Organização Internacional do Trabalho e havia sempre ouvintes dando feedback para os alunos. O exame final foi feito diante de uma banca examinadora formada por três altos funcionários da OIT. Dos onze candidatos, foram selecionados nove, cinco homens e quatro mulheres. Até então, mulheres eram exceção entre os intérpretes consecutivos (Baigorri, 1999).

¹ A laboratory has been set up at the International Labour Office for the technical development of the project and the training of a special staff of interpreters in the new art [!], as interpreting simultaneously with a speech is a very different thing from the usual practice and demands a special degree of skill...”

Na Europa, a evolução do ensino da interpretação, como se verá adiante, foi bastante rápida, com muitas escolas sendo fundadas nos anos que se seguiram a Nuremberg. Já no Brasil, apesar das (raras) escolas que surgiram nos anos setenta, pouca coisa mudou nos primeiros quarenta anos e muitos intérpretes continuaram a entrar no mercado no antigo esquema mestre-aprendiz. Em outras palavras, a profissão demorou a se profissionalizar, ao menos no que se refere à formação de seus praticantes.

Tampouco despontou no país um interesse pela pesquisa acadêmica na área de Estudos da Interpretação. Na Europa, tanto oriental, quanto ocidental, praticantes e professores de interpretação começaram a investigar os diferentes aspectos da interpretação já nos anos sessenta. O primeiro estudo científico da interpretação simultânea foi publicado em um periódico francês de psicologia em 1965 (Pöchhacker; Shlesinger, 2002). O primeiro doutorado em Estudos da Interpretação foi estabelecido na ESIT (École Supérieure d'Interprètes et de Traducteurs), em Paris, em 1975 (Fleming, 2014).

Segundo levantamento feito por Rebeca Atkinson para sua dissertação de mestrado na PUC-Rio, em 2006 havia no Brasil menos de dez dissertações e teses sobre interpretação de conferência. Segundo a autora, o banco de teses da CAPES registrava apenas quatro trabalhos na área. Na PUC-Rio, havia apenas dois outros, além do de Atkinson: a dissertação de mestrado de Clarisse Sickenius Souza, de 1982, e a tese de doutorado de Marilda Averbug, de 1996. A mesma situação se repetia na maioria das universidades do país. Também os congressos eram dominados pelos Estudos da Tradução, uma área com longa e respeitada tradição, dentro da qual, até hoje, se inserem os Estudos da Interpretação na grande maioria das instituições acadêmicas do país. O próprio termo Estudos da Interpretação é relativamente novo, tendo aparecido pela primeira vez nos anos noventa, numa palestra do Professor Daniel Gile em Viena, em 1992 (Pöchhacker; Shlesinger, 2002).

Desde 2010, porém, testemunhamos uma lenta transformação desse panorama no país. Houve um interesse renovado não apenas pela formação de intérpretes, com o surgimento de novos cursos, mas também pela pesquisa acadêmica e não acadêmica em interpretação. Reynaldo Pagura inaugura, em 2010, com sua tese sobre a história da interpretação no Brasil (Pagura, 2010), uma nova era em que intérpretes profissionais e estudantes começam a criar um banco de teses, dissertações, monografias e trabalhos apresentados em congressos. Empregando os recursos oferecidos pela mídia social e questionários online, começamos a descobrir quantos somos, quanto ganhamos, onde estamos, o que pensamos de nós mesmos, que idade temos, qual a nossa formação, interesses, línguas de trabalho. Esses dados, por enquanto soltos e coletados, em alguns casos sem muito rigor acadêmico, começam a criar um princípio de identidade profissional em torno da qual o grupo se torna potencialmente mais coeso e mais forte.

Congressos importantes tradicionalmente voltados para tradução, como os da ABRATES (Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes) e da ABRAPT (Associação Brasileira de Pesquisa em Tradução) passaram a dar mais espaço a apresentações sobre interpretação. Em 2013 houve a realização do SIMBI (1º Simpósio Brasileiro de Interpretação), um marco na área, ainda muito incipiente, dos Estudos da Interpretação no Brasil.

Nesse cenário propício, chega na América do Sul, em 2012, o Comitê de Formação e Atualização Profissional da AIIC (*AIIC Training and Professional Development Committee*), a Associação Internacional de Intérpretes de Conferência, conhecido como *AIIC Training*, com o objetivo de organizar cursos de atualização profissional e formação de professores de interpretação em vários países da região, inclusive no Brasil.

De lá para cá, foram dezoito cursos, em cinco países (Chile, Peru, Equador, Argentina e Brasil), com mais dez planejados ou já realizados em 2015. Os cursos são abertos a todos, membros e não membros da associação. O sucesso dos cursos sul-americanos é tanto que o próprio Comitê, grupo dentro da estrutura da AIIC responsável por organizar atividades de formação no mundo inteiro, surpreendeu-se. Muito mais do que ocorre nas outras regiões em que o grupo atua, os cursos na América do Sul, e mais especificamente no Brasil, lotam em tempo recorde e têm listas de espera longuíssimas. Como disse o presidente do *AIIC Training*, Andrew Gillies “os brasileiros são os intérpretes com mais sede de conhecimento em todo o mundo da interpretação.”

Acredito que o sucesso das atividades do grupo na região se deve a três fatores principais, um positivo, um negativo, e um circunstancial. O primeiro é o excelente padrão dos cursos organizados: os professores são formadores renomados, com larga experiência nas melhores escolas de interpretação do mundo. Igualmente contribui para a qualidade e relevância das aulas o fato de que os tópicos tratados são escolhidos após uma consulta à comunidade de intérpretes local, para que sejam pertinentes ao mercado. Já o segundo fator, o negativo, é o imenso vazio de oportunidades de atualização profissional e formação de professores em nossa região. Finalmente, o terceiro fator, o circunstancial, é a mudança no panorama do ensino e pesquisa em interpretação mencionado acima. A chegada do *AIIC Training* na América do Sul aconteceu na hora certa. As sementes deixadas pelo seu trabalho parecem estar caindo em terreno fértil.

O Comitê de Formação e Atualização Profissional da AIIC

O Comitê de Formação da AIIC foi criado em 1957 com o nome de Comissão de Escolas. Seu objetivo era elaborar critérios a serem seguidos pelas escolas de interpretação, a primeira das quais fora fundada em Genebra em 1941 e rapidamente seguida por Viena em 1943, Mainz em 1946, Paris HEC e Saarbücken em 1948, Georgetown (Washington, DC) em 1949, Heidelberg em 1950, Trieste em 1954 e mais uma em Paris, ESIT, em 1957.

Depois da criação do Comitê, em 1957, vieram muitas outras, como a ISIT, em Paris, em 1959, Mons em 1962, London Polytechnic em 1963 e Monterey (Califórnia) em 1969. A ideia inicial do Comitê, criar uma espécie de credenciamento com o selo AIIC, foi rapidamente descartada e substituída por uma lista de melhores práticas e um cadastro das escolas que as cumprissem. Há hoje 86 escolas no cadastro da associação.

De 1941 até hoje o Comitê teve várias versões, passando de um grupo essencialmente voltado ao exercício da interpretação na Europa a um grupo com representantes e atividades em quase todos os continentes (AIIC, 2013).

O Comitê de Formação tem duas funções principais: a) organizar e publicar no site da AIIC uma lista de escolas de interpretação que cumpram os requisitos básicos estabelecidos pela associação; e b) organizar cursos de

desenvolvimento profissional e formação de formadores, ou ToT (*Training of Trainers*), em todo o mundo.

O [AIIC Interpreting Schools and Programs Directory](#) é um cadastro de escolas de interpretação publicado desde 2001. O banco de dados pode ser pesquisado por distribuição geográfica, pares linguísticos ou nome do curso. Lá vemos, por exemplo, que na União Europeia há quarenta escolas que seguem as melhores práticas definidas pela AIIC. Já na América do Sul há duas, ambas no Brasil.

Os cursos interessados em participar do cadastro respondem a quase quarenta perguntas sobre currículo, corpo docente, uso de tecnologia, combinações linguísticas, exames de aptidão e finais, número de diplomas conferidos versus número de candidatos aceitos e muitas outras. O questionário é bastante detalhado, oferecendo aos potenciais alunos uma fonte de informação riquíssima na hora de escolher onde estudar.

A AIIC não recomenda escolas, apenas lista as que cumprem os critérios mínimos de inclusão, encontrados na página de [melhores práticas para programas de formação de intérpretes](#) no site da associação. São, em resumo, os seguintes:

- O curso é aberto apenas a alunos que já possuem diploma de graduação, em qualquer área
- A seleção dos candidatos é baseada em um teste de aptidão
- Os professores são intérpretes profissionais
- O currículo inclui o ensino de interpretação simultânea e consecutiva
- O curso tem no mínimo dois semestres

Além desses quesitos básicos, há uma série de outras medidas consideradas importantes, como a presença de avaliadores externos na banca examinadora final e a inclusão no currículo de uma disciplina sobre teoria da interpretação e ética profissional. Recomenda-se também que os professores tenham algum treinamento em formação de intérpretes e que os alunos sejam informados, de antemão e ao longo do curso, a respeito das reais oportunidades de trabalho para suas combinações linguísticas naquele mercado específico.

A partir de 2010, o Comitê de Formação passou a dar bolsas para professores que quisessem fazer um ToT, fossem eles ou não membros da AIIC. A América do Sul tem direito a quatro bolsas por ano para sul americanos assistirem a um curso em algum lugar do continente. O curso de Roma, o mais tradicional, que acontece todos os anos no último fim de semana de janeiro desde 2008, também dá quatro bolsas anuais a professores de fora da União Europeia.

É importante repetir que tanto os cursos organizados pelo *AIIC Training*, quanto as bolsas de estudo financiadas pela AIIC são extensivos a não membros da associação. Como a maior e mais antiga associação profissional, a AIIC tem um cabedal acumulado que considera sua obrigação compartilhar. O objetivo do Comitê de Formação é contribuir para a profissionalização da comunidade de intérpretes mundial. Mesmo os *trainers* que ministram os cursos não precisam, necessariamente, ser membros da associação. O importante, na escolha do *trainer*, é a qualidade do trabalho, a experiência de ensino, as credenciais. O importante na escolha dos agraciados com bolsas é o fator multiplicador: se o candidato é professor de interpretação, se tem um papel de liderança na sua

comunidade, se demonstra conhecer e cumprir o código de ética da associação, mesmo não sendo membro.

Quem forma os intérpretes no Brasil? Onde? Como?

Segundo levantamento feito por Denise Vasconcelos de Araujo para sua dissertação de mestrado (a concluir em 2016), existem no Brasil apenas oito cursos de formação de intérpretes de conferência, sendo cinco cursos livres e sequenciais e três de especialização Lato Sensu. Destes, seis são no eixo Rio-São Paulo, um em Recife e um em Curitiba.

Segundo o mesmo levantamento, há também dez cursos de bacharelado com diploma de tradutor-intérprete, nove dos quais no estado de São Paulo. Não os descreverei aqui por não serem exclusivamente cursos de interpretação e por não exercerem, que se saiba, um papel importante no mercado de interpretação de conferências no país.

Há enormes diferenças entre os oito cursos livres ou de especialização listados por Araujo. Eles vão desde o curso da PUC-Rio, uma especialização Lato Sensu com 960 horas de aula, até o Infoland, de Recife, coordenado pelo Professor Ayrton Farias, um curso livre com duração de 60 horas. Essa variação torna muito difícil uma comparação entre os cursos, que podem ter objetivos diferentes e alcançar públicos diferentes.

É possível uma escola estruturar-se para treinar intérpretes de conferência em nível de pós-graduação, com muitas horas-aula de simultânea e consecutiva, disciplinas como voz, terminologia de conferência, interpretação para língua B, teoria e ética da interpretação, interpretação com texto, etc. Porém, é também não apenas possível, mas necessário, que haja cursos capazes de preparar intérpretes comunitários, de acompanhamento, para trabalhar em hospitais, ou para atender necessidades específicas e urgentes, como por exemplo obras de infraestrutura comandadas por empresas estrangeiras com equipes grandes não falantes de português. Estas últimas funções não exigem a longa instrução de um intérprete de conferência – seria inútil e provavelmente contraproducente, tanto do ponto de vista do profissional, quanto do ponto de vista do mercado. É natural que cada escola adapte seu currículo às necessidades do mercado local. Sem maiores detalhes a respeito do público alvo e mercado atendido, não seria razoável fazer qualquer comparação qualitativa entre os cursos oferecidos no país. O que, sim, podemos afirmar é que, num país como o Brasil, com mercados importantes no sul, nordeste e também em Brasília, oito cursos, sendo seis entre Rio de Janeiro e São Paulo, é muito pouco.

Igualmente, há poucas iniciativas ou oportunidades para atualização profissional. A PUC-Rio costumava oferecer cursos de reciclagem a cada dois anos, porém as aulas eram abertas apenas a ex-alunos e faz alguns anos que deixaram de acontecer. Desde 2014, a Versão Brasileira, em Curitiba, oferece uma vez por ano um curso de atualização de uma semana para intérpretes iniciantes. Danielle Fonseca, intérprete de Campinas e professora do curso da Estácio de Sá em São Paulo, coordena um pequeno grupo de tutoria online com intérpretes novatos. A APIC, Associação Profissional de Intérpretes de Conferência, promove dois ou três cursos por ano, em geral sobre terminologia técnica (futebol na época da Copa do Mundo da FIFA, terminologia jurídica), ou assuntos que possam avançar a carreira dos intérpretes (gestão financeira, marketing). Não há qualquer instituição promovendo cursos de atualização de maneira sistemática.

Tampouco há cursos tópicos, como tomada de notas, estratégias de cabine ou interpretação para língua B.

Quem forma os formadores?

Outra enorme lacuna na formação de intérpretes é a falta de professores treinados para a função. Poucos fizeram ToTs. E de fato, existem pouquíssimos cursos de formação de formadores no mundo. Os primeiros foram criados nos anos noventa, na Europa Oriental, sob direção do SCIC (divisão de interpretação da Comissão Europeia), como parte das preparações para a expansão da União Europeia para o leste. Na mesma época, a AIIC organizou algumas oficinas para professores, ainda sem seguir o formato atual dos *Training of Trainers*. Em 1996 a FTI (Faculté de Traduction et d'Interprétation), da Universidade de Genebra inaugurou o curso que é até hoje o único mestrado profissional em formação de formadores (Fleming 2014).

Os ToTs organizados pelo Comitê de Formação duram no máximo três dias e concentram-se em tópicos específicos: ensino de consecutiva, de língua B, técnicas de feedback, transição da consecutiva para a simultânea, ensino de estratégias em simultânea, uso de tecnologia em sala de aula, processos de seleção e avaliação, desenvolvimento de currículo e muitos outros.

A AIIC, a FTI (Universidade de Genebra) e o SCIC (divisão de interpretação da Comissão Europeia) são as únicas instituições a formarem professores, sendo que a última os forma apenas para treinamentos internos de sua equipe permanente. Para o grande público, restam apenas a AIIC e a FTI.

Desde o início de suas atividades de formação, em 2003, até hoje, mais de quatrocentos professores de interpretação passaram pelos ToTs organizados pelo Comitê. Desde que o *AIIC Training* começou a trabalhar na América do Sul, já são vinte professores brasileiros com ao menos um ToT no currículo.

O novo panorama do ensino e da pesquisa no Brasil

Desde 2010, ao menos no Brasil, o cenário de penúria de escolas e pesquisa começou a mudar. Como dito acima, a tese de doutorado de Reynaldo Pagura, *A interpretação de conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros*, defendida na USP em 2010, foi um trabalho importante na nascente área de Estudos da Intepretação, principalmente devido à pesquisa histórica feita pelo autor e às entrevistas com alguns dos pioneiros da interpretação no país, como Carlos Peixoto de Castro e Ângela Levy. Porém, o renovado interesse pela pesquisa em interpretação no Brasil se deve em grande parte aos dois únicos cursos de especialização Lato Sensu no país: PUC-Rio e Estácio de Sá.

O curso da PUC-Rio era, até 2008, um curso sequencial. A partir de 2009 passou a ser uma especialização Lato Sensu, com a exigência de que os alunos, para obter o diploma, escrevam uma monografia de fim de curso. Também o curso da Estácio de Sá (criado em 2011 na antiga Universidade Gama Filho), sendo igualmente uma especialização Lato Sensu, requer de seus alunos um trabalho escrito ao final do período de estudo.

Essas duas universidades diplomam em média vinte alunos por ano, o que significa vinte trabalhos de pesquisa sobre os assuntos mais variados. A lista abaixo demonstra a gama de interesses por parte de estudantes e professores orientadores:

- PABST, U. *A estratégia da antecipação na interpretação simultânea: o que é e para que serve?* PUC-Rio. 2014.
- GONDAR, A. *Indo além da interpretação de conferências: um estudo piloto da interpretação comercial e comunitária no Brasil.* PUC-Rio. 2013.
- LEMOS, F. *Interpretação de acompanhamento em indústrias.* Estácio de Sá SP. 2014.
- WINOGRAD, A. *A interpretação de tribunal nas varas criminais da subseção da capital da seção judiciária do Estado do Rio de Janeiro.* PUC-Rio. 2014.
- CARNAVALLI, P. *Técnicas de anotação na interpretação consecutiva.* Estácio de Sá SP. 2014.
- BORGES, M. *Análise do tema interpretação de conferências nas redes sociais.* PUC-Rio. 2013.
- TARDELLI, R. *O que é desverbalização e como ela é usada no treinamento de intérpretes no Brasil?* Estácio de Sá RJ. 2014.
- SANTANA, C. *Estresse, ansiedade e interpretação de conferências.* PUC-Rio. 2011.
- PORTUGAL, L. *A interpretação simultânea na situação de pesquisa de mercado qualitativa em ambiente de sala de espelho.* Estácio de Sá RJ. 2014
- TADDEI, N. *A voz como instrumento profissional: um estudo descritivo com intérpretes do Rio de Janeiro.* PUC-Rio. 2011.
- VELASCO, S. *A interpretação em eventos evangélicos.* PUC-Rio. 2013.
- MARQUES, F. *A (não) inserção da intérprete de conferências no ambiente de eventos do Rio de Janeiro – uma autoetnografia.* PUC-Rio. 2014.

Os fóruns de intérpretes, como os da AIIC Brasil e da APIC (Associação Profissional de Intérpretes de Conferência), e as páginas no Facebook que tratam da profissão recebem hoje, dos estudantes, pedidos de resposta a questionários e de entrevista com intérpretes específicos para monografias baseadas em estudos de caso (LAPA, A. *O intérprete em eventos de cinema e televisão.* PUC-Rio. 2013; CASTRO, D. *Intérpretes com classificação linguística duplo A: vantagens e armadilhas.* PUC-Rio (a concluir em 2015)). Isso ajuda a divulgar o trabalho dos alunos e desperta a curiosidade dos praticantes com relação às investigações de que são objeto.

Há também as monografias de revisão da literatura que apresentam ao leitor brasileiro, muitas vezes pela primeira vez em português, o estado da arte em determinado tópico (SIMAS, I. *A avaliação da qualidade da interpretação simultânea: questionamentos, pesquisas, observações.* PUC-Rio. 2013; CARVALHO, L. *Revisão bibliográfica sobre estratégias de preparação do intérprete para a interpretação de conferências.* Estácio de Sá RJ. 2014; GONZALEZ, I. *Interpretando números na interpretação simultânea.* PUC-Rio. 2014)

Alguns desses trabalhos são depois apresentados em congressos e estimulam em seus autores, assim como nos professores orientadores, a vontade de seguir na área de Estudos da Interpretação. A obrigação acadêmica da monografia gera interesse nos estudantes, professores e intérpretes profissionais, o que por sua

vez gera mais trabalhos e apresentações em congressos. E assim vai-se criando um campo de estudos.

A mídia social e os blogs especializados facilitam a interação nacional e internacional, ajudando a fomentar o interesse pela área. Igualmente resultado do avanço das novas tecnologias, plataformas como o Survey Monkey, ferramenta de questionários online, tornam este tipo de pesquisa muito mais fácil de executar do que antes, na era das entrevistas feitas em pessoa, com lápis e papel (esta facilidade tecnológica esconde armadilhas, às vezes não reconhecidas nos resultados encontrados, mas isso seria assunto para outro trabalho).

O próprio Google, que hoje nem sequer consideramos um avanço, dá aos pesquisadores acesso não apenas a uma infinidade de dados sobre a profissão e os colegas, mas também a artigos científicos e periódicos especializados difíceis de encontrar nas bibliotecas universitárias.

Foi pensando no uso de novas tecnologias e mídia social que Raquel Schaitza, Richard Laver e Danielle Fonseca decidiram, em 2013, fazer um levantamento sobre o perfil do intérprete no Brasil. A motivação foi entender quem são “as centenas de pessoas que aparecem como “intérpretes” nas redes sociais.” O questionário foi distribuído em grupos no Facebook, blogs especializados, fóruns de discussão das associações, listas de ex-alunos das universidades e dos cursos livres e nos canais de divulgação ABRATES, SINTRA e ProZ.

Os autores estavam interessados em descobrir distribuição geográfica, sexo, faixa etária, formação (ou não) e nível de experiência em termos de dias de trabalho em cada modalidade. Receberam 550 respostas às suas perguntas, um universo bastante significativo e impensável de se atingir há dez ou quinze anos, com questionários em papel.

Os resultados confirmaram alguns truísmos: há mais mulheres (70%) do que homens na profissão e a maioria absoluta dos intérpretes mora no Rio de Janeiro (29%) ou São Paulo (49%). Contudo, derrubaram alguns outros, como a ideia de que a profissão é dominada por veteranos impedindo a entrada dos mais jovens: 54% têm entre trinta e cinquenta anos e 16% têm menos de trinta. O grupo com mais de cinquenta representa apenas 29% do total. Outro dado interessante revelado pela pesquisa é que 75% dos respondentes têm algum tipo de formação. Como dizem os autores, é um número alto para um mercado sem escolas, como o Brasil, mas ainda baixo quando comparado à Europa, onde dificilmente um intérprete entra no mercado sem qualquer treinamento.

Essa pesquisa, com todas as suas falhas, apontadas pelos próprios autores quando apresentaram seu trabalho no V Congresso da ABRATES em 2014 (termos como “dias de trabalho” ou “acompanhamento” empregados sem definição, erros na formulação das perguntas suscitando por vezes respostas difíceis de interpretar, dificuldades causadas pela escolha da ferramenta Survey Monkey, falta de análise estatística dos dados), tem dois benefícios principais. O primeiro e mais óbvio, é ter-nos dado um panorama, ainda que falho, dos recursos humanos na nossa profissão e sua distribuição geográfica, etária, de gênero, etc. O outro foi demonstrar que é possível intérpretes praticantes, sem ligação com uma instituição de ensino, fazerem uma pesquisa motivados puramente pela curiosidade. O passo seguinte deve ser dado pela academia, refazendo este levantamento, empregando desta feita uma metodologia de pesquisa rigorosa. O esboço apresentado por Fonseca, Laver e Schaitza abre muitos caminhos para quem estiver à procura de um projeto de pesquisa.

Os cursos do Comitê de Formação e Atualização Profissional da AIIC na América do Sul

O primeiro *Training of Trainers* na região aconteceu no Rio de Janeiro em 2012. A *trainer* foi Barbara Moser, diretora da FTI da Universidade de Genebra e uma das mais respeitadas pesquisadoras do campo de Estudos da Interpretação. O tópico era a teoria e a prática do feedback, tema mais espinhoso do que pode parecer. Os participantes eram do Brasil, naturalmente, mas também da Argentina, Venezuela, Panamá e Estados Unidos. A este seguiu-se um ToT em Santiago do Chile, em dezembro do mesmo ano, sobre os fundamentos do ensino da interpretação, com Hans-Werner Muehle.

Abaixo, uma lista dos cursos organizados pelo *AIIC Training* (2012-2015), com seus títulos originais:

Training of Trainers

- Rio de Janeiro, July 2012, *Skill acquisition in interpreting: the theory and practice of feedback*, Barbara Moser Mercer
- Santiago, December 2012, *Training of Trainers Foundation Course*, Hans-Werner Muehle
- Buenos Aires, July 2013, *Aspects of best practice in interpreter training, Teaching consecutive*, Dick Fleming
- Lima, December 2013, *Developing a process-centered course: from lesson plan to classroom dynamics*, Luigi Luccarelli

Atualização profissional

- Santiago dezembro 2012 e 2014, *Conference Interpreters Upgrade Course*, Hans-Werner Muehle
- Santiago dezembro 2013, *Retour interpreting from Spanish into English*, Matthew Perret
- Lima, dezembro 2013, *Skills upgrade: a holistic approach*, Luigi Luccarelli
- Rio de Janeiro e São Paulo, fevereiro 2014, *Note-taking for consecutive interpreting: strategies, tips and tricks*, Helen Campbell
- Curitiba, fevereiro 2014 e fevereiro de 2015, *Portuguese C workshop*, Richard Laver & Raquel Schaitza
- Quito, maio 2014, *Conference Interpreters Upgrade Course*, Hans-Werner Muehle
- Rio de Janeiro, julho e agosto 2014, *English Retour Upgrade course*, Barry Olsen
- Rio de Janeiro e São Paulo, janeiro 2015, *English Retour Upgrade course*, Matthew Perret

Quarenta e oito professores participaram dos *Training of Trainers* na América do Sul, muitos fazendo mais de um curso. Apenas dezoito eram membros da AIIC.

O país que mais enviou participantes, confirmando a impressão de Andrew Gillies de que somos os intérpretes com mais sede de conhecimento, foi o Brasil. Foram vinte professores, o dobro do segundo colocado, a Argentina, que enviou nove *trainers*. Depois vêm os Estados Unidos, com seis. Os outros treze

participantes se espalham pelo mundo: Uruguai, Paraguai, Chile, Venezuela, Equador, México, Panamá, Peru, Reino Unido e Guiné.

Neste período (2012-2015), foram concedidas 34 bolsas para ToTs no mundo inteiro. Entre os recipientes, nove eram da América do Sul e quinze não eram membros da AIIC.

Conclusão

Como dito acima, a intenção e a missão do *AIIC Training* é difundir melhores práticas de formação de intérpretes, contribuindo assim para a profissionalização da interpretação de conferência globalmente. Para multiplicar resultados o máximo possível, o Comitê dá prioridade a cursos de formação de formadores, daí as bolsas para professores, não disponíveis aos participantes dos cursos de atualização. É preciso fazer muito com poucos recursos e poucos membros, todos voluntários, e naturalmente formar professores tem um efeito multiplicador grande, maior do que nos cursos de atualização.

Acredito, no entanto, que também nos cursos chamados *upgrade* haja algum efeito multiplicador. Explico: um professor que faz um bom curso de atualização, com um *trainer* renomado e experiente, aprende não apenas o que veio aprender ali, o tópico ensinado no curso, mas também técnicas de ensino a serem depois aplicadas em suas aulas e compartilhadas com outros professores da sua universidade. E de fato, há uma participação expressiva de professores entre os que fazem os cursos de atualização.

Contudo, também os intérpretes que não ensinam, mesmo assim transmitem conhecimento, truques e estratégias a seus colegas de cabine, ou diretamente, explicando a eles o que aprenderam e mostrando como aplicar as novas técnicas na prática, ou indiretamente, pelo exemplo de uma melhor interpretação. Sendo assim, ambos os tipos de cursos geram efeitos positivos num mercado como o sul-americano, sem tradição de formação.

Segundo Verónica Perez Guarnieri (comunicação pessoal), professora de interpretação argentina e membro da rede VEGA da AIIC², é cedo ainda para sabermos os efeitos dos cursos do *AIIC Training* na América do Sul. Estes serão sentidos a longo prazo, à medida que as gerações de intérpretes forem se sucedendo, e à medida que os jovens, que segundo a pesquisa de Fonseca et al. (2014) tendem a buscar formação em maior número, forem se estabelecendo, nas cabines e nas salas de aula.

O crescimento do interesse pela pesquisa no Brasil vem paralelo à maior presença de brasileiros nos ToTs quando comparada aos países da região. Correlação, contudo, não implica causalidade. Seria leviano afirmar que os fenômenos estão ligados. Pode ser mera coincidência, ou resultado simplesmente do fato de que a população do Brasil é maior. Não há como dizer, sem um levantamento rigoroso, seguido de uma pesquisa nos países em questão. Não é o caso deste trabalho, onde trato principalmente do Brasil. Com o tempo, no entanto, esse poderá ser mais um tópico à disposição dos futuros graduandos ou de intérpretes, professores e reitores de universidades interessados em conhecer

² VEGA é uma rede mundial de intérpretes de conferência profissionais, todos membros da AIIC, disponíveis para ajudar quem quer ser intérprete ou quem já está em início de carreira. [VEGA AIIC](#)

melhor seu mercado. As possibilidades de estudo são muitas, o campo está aberto, inexplorado. É raro uma área de estudos assim, tão virgem. Para pesquisadores em busca de tópicos, é uma benção.

Referências bibliográficas

5º Congresso ABRATES, 2014, Rio de Janeiro. FONSECA, D; LAVER, R. SCHATIZA, R. **Mapeamento de perfil do intérprete no Brasil**, apresentação V Congresso ABRATES. 2014.

ATKINSON, R. **O intérprete em seu meio profissional**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

AVERBUG, M. **Interpretação simultânea e processamento de linguagem: um estudo integrado**. 1996. Tese (Doutorado em Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1996.

BAIGORRI, J. L. Conference Interpreting: From Modern Times to Space Technology. **Interpreting**, Amsterdam, Vol. 4, n. 1, p. 29–40, 1999.

FLEMING, D. **A brief history of conference interpreter training (CIT)**. Transcrição não publicada de palestra dada na Universidad de La Laguna em 13 de fevereiro de 2014.

NAISSANCE d'une profession: les premières soixantes années de l'Association Internationale des Interprètes de Conférence. AIIC. 2013.

PAGURA, R. **A interpretação de conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros**. 2010. Tese. (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

PÖCHAKER, F. e SHLESINGER, M. Introdução. In ____ **The interpreting studies reader**. London/New York: Routledge Language Readers. 2002.

SOUZA, C. **Fundamentos teóricos iniciais para o ensino da língua-meta em programas de treinamento de Intérpretes simultâneos**. Dissertação (Mestrado em Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1982.